

Biodiversidade sem fronteiras

Ao lembrar a realização do primeiro inventário florístico de SC, o *JU* mostra que o desafio de conhecer e conservar a rica vegetação de Mata Atlântica, que já cobriu 100% do território do Estado, continua. Hoje a ciência busca formas de conciliar a proteção dos remanescentes com atividades de geração de trabalho e renda, agregando valor aos produtos florestais e gerando suporte científico para discussão e revisão da legislação ambiental.

p. 8 a 10

Foto: Deisy Regina Trés



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Maio de 2010 - N° 410

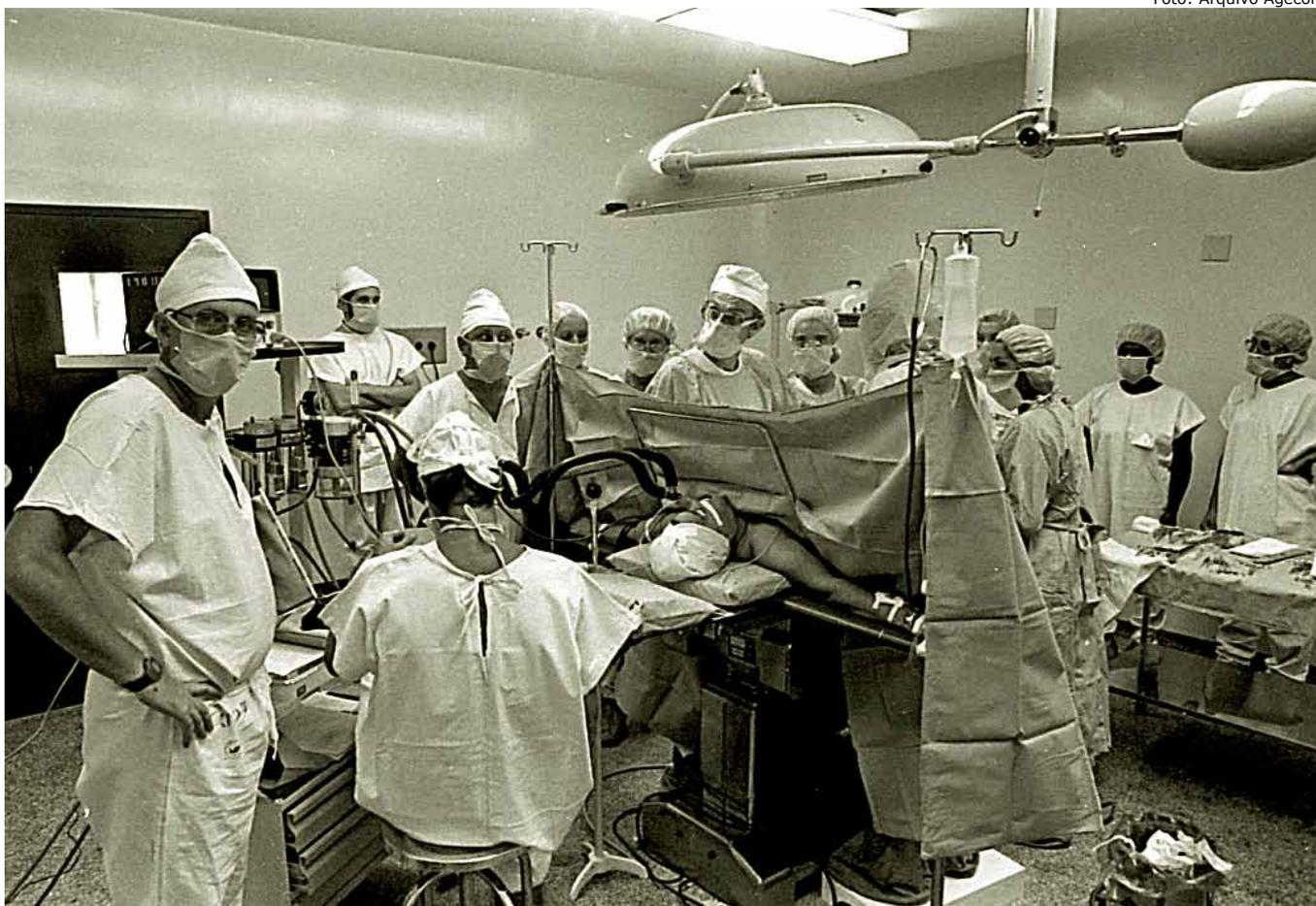
HU: há 30 anos salvando vidas e formando pessoas para a saúde

A diretora do Hospital Universitário (HU), Marisa Coral, oferece aos leitores do *JU* um panorama histórico da luta e dos desafios da UFSC a favor da formação profissional e da assistência de qualidade da população

catarinense. O vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva (o Paraná), ex-diretor do HU, confidencia o seu projeto de vida: "Atendemos gente e formamos pessoas"

p. 6 e 7

Foto: Arquivo Agecom



Primeira cirurgia no Hospital Universitário, realizada em 1983, mobiliza a equipe médica

Estudo aponta falhas na distribuição de remédios

Pesquisa desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Farmácia da UFSC revela que medicamentos de alto custo poderiam ser

melhor distribuídos no Estado. Os programas do Ministério da Saúde padecem de orientação e informação adequadas.

p. 5

Aventura

Pedalandando para a sustentabilidade
p. 12

Webometrics

UFSC lidera na pesquisa
p. 4

Práxis

Filosofia em portal
p. 4

Opinião

Dois anos de gestão
p. 2 e 3

Inovação

Reconhecimento a Stemmer em vida
p. 11

Do Editor

Presentes para a UFSC

Quando se fala de divulgação científica, é preciso lembrar que quem paga a ciência no Brasil é o povo. A maioria das descobertas são feitas pelas universidades públicas. Então, acho que o cientista tem a obrigação de divulgar a ciência para a população em geral

Ângelo Machado, médico entomólogo, ambientalista, escritor e professor do Departamento de Zoologia da UFMG

Ao comemorar 50 anos e 30 anos de Hospital Universitário (HU), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) está mais perto da sua população e mais próxima do País e do mundo, interiorizada com três novos campi (Joinville, Curitiba e Araranguá). Reconhecida no País como instituição de excelência e inserida como universidade de pesquisa nos rankings internacionais, a UFSC se expande e avança em todas as áreas do conhecimento. A atual gestão, completando seu segundo ano, pensa estar encaminhando a UFSC para o Século XXI.

A festa do cinquentenário começa recheada de eventos e homenagens. Nada escapa à Comissão dos 50 anos, presidida por Cléia Silveira Ramos. Basta citar, emblematicamente, a Taça UFSC do Futebol e do Futsal e a inauguração da Praça Franklin Cascaes, que tem o DNA de Luiz Roberto Barbosa, diretor do Departamento de Cultura e Eventos, e que retoma, em grande estilo, a humanização do Campus, arquitetada e sonhada pelo paisagista Burle Marx e sonhada pelo fundador João David Ferraira Lima.

Mas a comemoração vai muito além do calendário comemorativo. Neste sentido, pelo menos, cinco presentes respaldam o aniversário da instituição:

- 1) As homenagens, em vida, ao ex-reitor Caspar Erich Stemmer;
- 2) A implementação da Lei Catarinense de Inovação;
- 3) A aprovação da Política Catarinense de Ciência, Tecnologia e Inovação;
- 4) A aposta incondicional do Governo Federal na UFSC como instituição pública gratuita e de qualidade;
- 5) A promoção da Ciência, da Tecnologia e da Inovação à categoria de Política de Estado nos níveis municipal, estadual e federal.

O quadro local certamente será referendado na 4ª Conferência Nacional de Tecnologia e Inovação, de 26 a 28 deste mês, em Brasília.



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Cochilo do editor. O autor do livro sobre o Polo Tecnológico de Florianópolis, jornalista Mário Xavier, garante que o Cerimonial da Assembleia não negou a palavra ao representante do ex-governador na solenidade de lançamento. Livre do teor cerimonioso, esclarece Mário, o cerimonial "apenas não previa a fala de nenhuma autoridade, e sim de alguns dos apoiadores do livro e do evento, e de um convidado". Nenhuma autoridade, portanto, "discursou", em qualquer momento, representando os poderes constituídos. O autor lembra ainda que recebeu de Diomário de Queiroz, da Fapesc, um cartão no dia 18 de março enaltecendo, de próprio punho, a "excelente obra que resgata e preserva a memória do Polo". Enfim, num cochilo, o editor do *JU* interpretou mal. Ademais, a palavra não foi negada, porque o ex-reitor não a pediu.

Profissionalismo. No lançamento da programação especial dos 50 anos pela TV UFSC, o reitor destacou o profissionalismo da equipe liderada pelo professor Fernando Crócomo.



Verdade seja dita. Sem desmerecer ninguém, a Praça Franklin Cascaes, com boitatá e tudo, só saiu por causa do empenho do diretor do Departamento de Cultura e Eventos, Luiz Roberto Barbosa. Lago humanizado, os cachorros venceram: os patos foram embora. Agora voltarão as carpas, as tilápias... as trutas e as vitórias-régias!

Durou nada. A tentativa de separar o lixo reciclável do orgânico não durou um mês na Agecom. Assim como na Biblioteca, os esforços morreram na areia: difícil não é mudar a consciência do povo, e sim convencer os catadores a entrarem no Campus da UFSC para recolher papéis, latas e plásticos que vão se acumulando em todos os lugares.

Jeitinho. Alguns trabalhadores da UFSC são formiguinhas: levam os papéis e plásticos utilizados para jogar no lixo reciclável de casa.

Bom serviço. *Jornal do CCE*, uma extensão do Curso de Jornalismo, furou o *JU* sobre os primeiros pontos digitais para controle da frequência dos servidores técnico-administrativos. Sintufsc entende que a regra deve valer também para o corpo docente.

Sem ofender. A CGU alça à condição de cobaia do ponto eletrônico uma das universidades mais produtivas do País?

Recorde? O Brasil de Lula soma só 37 ministros.

Fernanda Germano Torino cursava Medicina; Janaína Silva era aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica; e Mariana Falk dos Santos estudava Jornalismo. Em comum a UFSC, a cidade de Joinville, o Orkut e um roteiro de sonhos e projetos que ficou incompleto num domingo de abril, o calendário marcando dia 18.

Uma tragédia causada por um

personagem que está se tornando constante nos acidentes rodoviários: o motorista que invade a pista contrária fere, mata ou mutila e entra na lista das "investigações para apurar o acidente". A UFSC, solidária com amigos e família, lamenta profundamente.

A Universidade Federal de Santa Catarina também lastima a perda de dois de seus colaboradores: o servidor técnico-administrativo João

Batista Machado, 46 anos, conhecido entre os colegas como "Ribeirão", que atuava de forma abnegada no Departamento de Serviços Gerais (DMSG), Setor de Malote; e o professor Ari Paulo Jantsch, 52 anos, do Centro de Ciências da Educação, pesquisador socialmente engajado formado em Filosofia e com pós-doutorado em Educação.



Foto: Édio Hélio Ramos

Semeadores da cultura e mensageiros do saber. Essa é a visão que a vereadora Janete Teixeira (na foto com o reitor) tem dos profissionais que atuam na UFSC. Junto com João Aurélio Valente Júnior, ela propôs a homenagem aos 50 anos da Instituição em solenidade realizada na Câmara dos Vereadores.

Dançando conforme a música. Alguns integrantes da equipe reclamam que parte da orquestra toca desafinada.

Comunicação federal. Ministro Franklin Martins, da Comunicação, recebeu, em mãos, *Guia da UFSC, Jornal Universitário* e o livro *Santos e Pecadores - Comunicação versus crise na era da informação*, de Artemio Reinaldo de Souza (EdUFSC), da equipe da Agecom.

Vitória Nacional. Reitor Alvaro Prata e pró-reitor Luiz Henrique Vieira Silva estão radiantes com a manutenção concomitante dos adicionais de insalubridade/periculosidade para chefias (FGs e CDs). A conquista foi nacional e foi liderada pelos dirigentes da UFSC. Prata envolveu a Andifes e foi pessoalmente ao ministro Paulo Bernardo.

Se liga. O diretor executivo da EdUFSC, Sérgio Medeiros, anuncia a filiação à Liga das Editoras Universitárias (LEU). A nova entidade foi formalizada em fevereiro pelas editoras da USP, da Unicamp, da UFMG, da UFPA, da UnB e da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Assim, a EdUFSC deixa a Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU), que ajudou a criar e consolidar.

Frase

Não existe uma imprensa no Brasil. Existem várias; temos que nos comunicar com todas elas. Isso é crucial. (Ministro Franklin Martins, secretário de Comunicação Social da Presidência da República)

Memória



Expediente

Elaborado pela Agecom -

Agência de Comunicação da UFSC

Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476

CEP 88040-970, Florianópolis - SC

www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br

Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323. Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:

Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing/Redação:

Alita Diana (Jornalista)

Arley Reis (Jornalista)

Artemio R. de Souza (Jornalista)

Celita Campos (Jornalista)

Claudia Mebs Nunes (Bolsista)

Felipe Luiz da Costa (Bolsista)

Fernanda Burigo (Bolsista)

Gabriella Mendez Cardoso Bridi (Bolsista)

Ingrid Tabares Fagundes (Bolsista)

Mara Paiva (Jornalista)

Margareth Rossi (Jornalista)

Natália Izidoro (Bolsista)

Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)

Paulo Fernando Liedtke

Vinicius Schmidt (Bolsista)

Fotografia:

Carolina Dantas (Bolsista)

Maria Luiza de Oliveira Gil (Bolsista)

Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry

Tania Regina de Souza

Editores e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr

Cláudia Schaub Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:

João Pedro Tavares Filho (Coord.)

Beatriz S. Prado (Expediente)

Rogéria D'El Rei S. S. Martins

Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Floriprint



Universidade do Século XXI: história e desafios

A Universidade Federal de Santa Catarina, criada em 1960 pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira a partir da integração das faculdades de Direito, Ciências Econômicas, Filosofia, Farmácia e Odontologia, Medicina e Serviço Social, se consolida como uma das principais instituições de ensino superior do país. Quem ensina, estuda e trabalha na UFSC terá o privilégio de comemorar, em dezembro, os 50 anos da Universidade.

Há quase meio século formando profissionais que contribuem para o desenvolvimento social, político, cultural e econômico do Brasil, ela passa por um momento de expansão, chegando ao número de 82 cursos e habilitações na sede, em Florianópolis, e nos novos campi de Joinville, Curitiba e Araranguá. Além disso, a UFSC é a tutora da implantação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), que abriu 2.160 vagas no oeste de Santa Catarina, noroeste do Rio Grande do Sul e sudoeste do Paraná.

A UFSC promove a inclusão social, a cultura e a extensão, destaca-se na produção de ciência, tecnologia e inovação e vive um processo de internacionalização sem precedentes em sua história. Há pouco tempo, o *Guia do Estudante* da editora Abril elegeu-a como a sétima melhor instituição superior pública do país, à frente de outras grandes universidades brasileiras. Na recente pesquisa



Foto: Arquivo Agecom

Na gestão de Juscelino Kubitschek (sentado) foi criada a UFSC

Webometrics aparece em 222º lugar, sendo a melhor classificada entre as universidades federais.

Atualmente, sua sede em Florianópolis está organizada em 11 centros de ensino, pesquisa e extensão, com estrutura que inclui centenas de laboratórios, bibliotecas, editora, fórum, centro esportivo, centro de cultura e eventos, museu, planetário, observatório astronômico e farmácia-escola. O Hospital

Universitário, que está completando 30 anos, referência para o Sistema Único de Saúde, proporciona quase 300 mil atendimentos por ano em diversas áreas e a pacientes de todo o Estado de Santa Catarina.

Destacam-se ainda o intercâmbio de pesquisadores e estudantes com instituições de mais de 40 países, o Programa de Ações Afirmativas, que amplia o acesso ao ensino superior

público e a inclusão social, o fato de 90% do corpo docente ser constituído de doutores e o desenvolvimento de importantes projetos e iniciativas que permitem o estímulo à agricultura familiar, a assistência jurídica a pessoas de menor poder aquisitivo, a formação de professores em pequenos municípios, a educação indígena e o apoio a grupos de terceira idade.

Hoje a instituição conta com 1.651 docentes e 2.874 servidores técnico-administrativos, mais de 1.800 linhas de pesquisa e cerca de 34 mil alunos, incluindo a graduação, pós-graduação, educação a distância, ensinos básico, médio, técnico e fundamental, além da pré-escola. Nesse ano está organizando o maior concurso público para o Magistério Superior da sua história. A UFSC também concede mais de 7.500 bolsas para acadêmicos da graduação e possui 661.197 livros em seu sistema de bibliotecas.

Neste mês a Administração da Universidade do Século XXI está comemorando o seu segundo ano, oferecendo à comunidade universitária e à sociedade muitas vitórias e conquistas e, ao mesmo tempo, lançando desafios que devem ser abraçados por todos que querem e lutam por uma universidade "produzindo conhecimento para um mundo melhor".

Reitor Alvaro Toubes Prata
Vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva (Paraná)

Universidade do século XXI: tecnologia e humanismo

A missão da universidade foi definida de forma clara pelo filósofo K. Jaspers como "a procura da verdade na comunidade de alunos e professores". Esta definição é de uma profundidade e complexidade vital. A procura da verdade não é um acidente dentro da história humana, mas um constituinte da espécie humana. A verdade é uma necessidade essencial para o ser humano e por isto é supranacional, é universal. Não pode existir diálogo, nem ensino, nem comunicação, nem formação humana sem a verdade. A universalidade da verdade gera a universalidade da missão universitária e exige dos Estados o respeito pela autonomia e liberdade da universidade.

A verdade está intimamente relacionada com a realidade. Qual é a realidade das coisas e do mundo e especialmente do homem? A resposta envolve problemas de nosso aqui e agora, como as realidades últimas que afetam ao ser humano. Este é o sentido da vida.

O aqui e agora: para uma completa localização do problema, deve-se observar que o Brasil vive, como todo o mundo, os processos ligados à globalização, que criam condições de instabilidade econômica e social, transcendem as fronteiras dos Estados, colocam em perigo as diversidades culturais e empobrecem a vida espiritual e moral. Vivemos em uma crise sistêmica da humanidade que se manifesta no sentido que se atribui à vida, à economia e à segurança internacional.

O sentido que se atribui à economia se traduz na luta implacável pelos recursos

naturais e pela competição fundamentada em tecnologias de ponta. Quando isolado do sentido da vida, isso provoca profundas desigualdades e graves problemas de educação, saúde e trabalho, que incitam à violência e à droga. A paz social é, em boa medida, fruto do desenvolvimento que assegure dignidade a todos.

No mundo desenvolvido, a pesquisa nas universidades tem estado no coração desse desenvolvimento com justiça social. Assim nos EUA os complexos de eletrônica que existem perto de Boston são derivados do Instituto de Tecnologia de Massachussets e o vale do silício, das universidades de Califórnia e de Stanford. Naquele país, para todas as pesquisas de longo prazo, de grande alcance social e de muito risco, o Governo Federal dá importante apoio e as universidades assumem sua parte. Isto ocorre inclusive com a indústria farmacêutica, que muitos acreditam ser totalmente de investimentos privados. Um exemplo é o caso do taxol, campeão de vendas entre os medicamentos para câncer. Toda a pesquisa foi realizada no National Cancer Institute (NCI) ao longo de quase 30 anos a um custo de 183 milhões de dólares, com recursos públicos e privados.

O Brasil necessita urgentemente de um apoio massivo para desenvolver sua indústria farmacêutica, o que levará à afirmação de muitas outras indústrias de ponta (química fina, biotecnologia, bioquímica, novos materiais, por exemplo). Para isto, será preciso assegurar a sinergia

entre os atores acadêmicos, o poder público e o setor produtivo, gerando oportunidades de empregos com remuneração digna para as atuais e futuras gerações.

As realidades últimas: dizem respeito ao humanismo ou ao sentido que se atribui à vida. Os paradigmas científicos criados nos séculos XVI a XIX (Kepler, Galileu, Descartes, Newton, Darwin, Freud) levaram à idéia de um mundo totalmente determinado, inclusive socialmente, onde a evolução por mutações genéticas ao acaso e a seleção natural deu origem ao homem, um animal a mais, que segundo a corrente da psicanálise é guiado fundamentalmente pelos seus mecanismos instintivos, especialmente o sexual e o de destruição. O homem, nessa concepção, não é um sujeito livre e vive no mundo absurdo da náusea, do nada. Este é o vazio existencial, a vida não tem sentido e por isto igualmente não existem valores.

No século XX (Planck, Heisenberg, Einstein, Stapp, Morris, Frankl) fundamentados em novos paradigmas científicos demonstram que o universo é intrinsecamente indeterminado. Pela física quântica demonstra-se que é possível a liberdade humana, que nem toda evolução biológica é ao acaso. Afirma-se uma nova antropologia e filosofia da natureza que permite uma atualizada representação do homem e do mundo.

O prof. Frankl, criador da terceira escola psicológica de Viena, opina que grande parte das neuroses é produto do vazio existencial, acima mencionado, causado

pela falta de sentido da vida.

É preciso, então, dar resposta a duas graves perguntas: A ciência e a tecnologia para que e para quem? A liberdade para que? Dessas respostas emerge um novo humanismo para uma nova humanidade.

O ideal de educação em nossa época deve colocar seu máximo esforço em proporcionar ciência, reinterpretada como parte do humanismo, mas igualmente despertar a consciência, o pensamento crítico, de forma que o homem assuma sua responsabilidade frente à explosão informativa, aos bombardeios da TV e dos jornais, para saber o que é importante e o que não é fundamental. O espírito crítico, assim formado, não se abandonará ao conformismo nem se ajoelhará ante o totalitarismo.

O ideal educativo deve levar a cada homem saber que é único e insubstituível, que tem um sentido, uma responsabilidade com a família, a sociedade e seu país. Que todos têm sede de infinito e devem reconhecer o mistério do transcendente que mora em cada pessoa. Esse ideal torna-se fundamental para conseguir uma universidade brasileira que se oriente para desenvolver o Brasil como um exemplo para um novo mundo mais fraterno de justiça e de paz.

Prof. Rosendo A. Yunes
Pesquisador Sênior do CNPq.
Editor de dois livros de Qca. Medicinal e Produtos naturais e plantas medicinais. Premio Scopus-Capes 2009 por sua produção científica.

UFSC: primeira entre as Federais brasileiras

A posição conquistada pela Instituição é um incentivo para professores, servidores e alunos

Arley Reis

Jornalista na Agecom

Ainda que tenha passado da 134ª posição para a 222ª na última edição do ranking Webometrics (Ranking Mundial de Universidades na Web), a Universidade Federal de Santa Catarina se mantém como a primeira universidade federal entre instituições brasileiras. O levantamento pode ser acessado por países e no ranking Brasil a UFSC é a terceira melhor universidade.

A primeira instituição brasileira no ranking mundial é a USP (53ª colocação, também caindo em relação à pesquisa passada, em que estava na 38ª posição). A segunda colocada é a Unicamp, que caiu

do 115º para o 143º lugar. Na primeira colocação do ranking mundial está a Harvard University, seguida pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) e Stanford University.

O Webometrics é uma pesquisa realizada desde 2004 pelo Ministério da Educação da Espanha e publicada duas vezes por ano. A edição mais recente é de janeiro de 2010 e analisou 8 mil instituições acadêmicas. Os indicadores consideram especialmente o conteúdo de cada uma na internet. Para os organizadores, a presença de uma instituição de ensino e pesquisa na web é um indicativo de sua excelência e de seu comprometimento com a disseminação de saber.

Flutuações

Na nova edição, entre as cinco primeiras do ranking Brasil, todas caíram. Mas de acordo com a pró-reitora de Pesquisa e Extensão da UFSC, professora Débora Menezes, as flutuações são frequentes nestes levantamentos.

“Qualquer classificação baseada em dados momentâneos está sujeita a oscilações, uma vez que depende apenas de fotografias instantâneas e não de dados analisados de forma sistemática e estatística”, considera a pró-reitora. Ela lembra que na classificação de seis meses atrás as universidades brasileiras subiram muitas posições e houve uma divulgação intensa na mídia, inclusive com matéria de destaque na Revista Pesquisa Fapesp. “Mas não vejo a classificação atual e suas flutuações como reflexo de algum problema nacional”, pondera Débora.

“O importante é que estamos mundialmente muito bem colocados e, no caso da UFSC, somos a primeira federal”, complementa sobre a nova edição do webometrics. Ela observa também que a UFSC está entre as 5% melhores instituições do mundo no ranking mundial. “Esta posição é muito significativa e não deve se alterar muito nos próximos levantamentos”.

Em sua opinião, ainda que rankings gerem polêmicas e devam ser vistos com cuidado, são importantes mecanismos de visibilidade das universidades. “A divulgação de uma boa posição serve como um incentivo aos nossos docentes

e pesquisadores e acaba por atrair bons estudantes para a UFSC, o que se reflete num círculo virtuoso. Temos procurado divulgar o bom desempenho da UFSC tanto no Webometrics como em outras avaliações internacionais e nacionais”, destaca a pró-reitora.

No final do ano passado, por exemplo, a UFSC publicou livro com os grupos de pesquisa da universidade. A edição, que está também disponível na internet, reúne os mais de 400 grupos de pesquisa da UFSC registrados no Censo 2008 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A publicação mostra que a Universidade Federal de Santa Catarina é a oitava instituição do Brasil com o maior número de equipes envolvidas no desenvolvimento científico e tecnológico nacional. São 422 grupos, 1.662 linhas de pesquisa, 2.862 pesquisadores, mais de 4 mil acadêmicos de graduação e de pós-graduação envolvidos em estudos.

No campo da pós-graduação (principal foco de geração do conhecimento científico brasileiro), a UFSC tem 55 mestrados e 42 doutorados, sendo o maior centro de pós-graduação de Santa Catarina e o segundo da Região Sul (a Universidade Federal do Rio Grande do Sul está em primeiro lugar). Em 2008 seus pesquisadores publicaram 823 artigos em revistas científicas internacionais, colaborando com o posicionamento da instituição em rankings do ensino superior, como o Webometrics.

Ranking Mundial de Universidades

Janeiro/2010

- 1 - Harvard University
- 2 - Massachusetts Institute of Technology
- 3 - Stanford University
- 4 - University of California Berkeley
- 5 - Cornell University
- 6 - University of Washington
- 7 - University of Minnesota
- 8 - Johns Hopkins University
- 9 - University of Michigan
- 10 - University of Wisconsin Madison
- 53 - Universidade de São Paulo
- 143 - Universidade Estadual de Campinas

222 - Universidade Federal de Santa Catarina

- 243 - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- 247 - Universidade Federal do Rio de Janeiro
- 329 - Universidade Federal de Minas Gerais
- 340 - Universidade Estadual Paulista
- 377 - Universidade de Brasília
- 456 - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
- 457 - Universidade Federal do Paraná

Ranking Mundial de Universidades

Julho/2009

- 1 - Massachusetts Institute of Technology
- 2 - Harvard University
- 3 - Stanford University
- 4 - University of California Berkeley
- 5 - Cornell University
- 6 - University of Wisconsin Madison
- 7 - University of Minnesota
- 8 - California Institute of Technology
- 9 - University of Illinois Urbana Champaign
- 10 - University of Michigan
- 38 - Universidade de São Paulo
- 115 - Universidade Estadual de Campinas

134 - Universidade Federal de Santa Catarina

- 152 - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- 196 - Universidade Federal do Rio de Janeiro
- 204 - Universidade de Brasília
- 241 - Universidade Federal de Minas Gerais
- 269 - Universidade Estadual Paulista
- 352 - Universidade Federal do Paraná
- 354 - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Sociologia e Filosofia para o ensino médio em portal

Fernanda Burigo

Bolsista de Jornalismo na Agecom

Conteúdos de filosofia e sociologia acessíveis para todos. Esse é o objetivo do projeto Práxis (www.praxis.ufsc.br), um portal com biblioteca e uma rede social. O site está no ar desde outubro do ano passado e já foram adicionados cerca de mil arquivos entre artigos, livros, fotos e vídeos. A meta é contribuir para a qualidade do ensino médio nas áreas de filosofia e sociologia, oportunizando também maior integração entre professores e alunos.

A biblioteca é atualizada diariamente por um estudante do curso de Sociologia e outro da Filosofia, que são bolsistas do Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro) da UFSC. Além do acervo digital há o físico e o usuário pode localizar livros

no Laboratório Interdisciplinar de Ensino de Filosofia e Sociologia (Lefis).

“Desconheço outros sites com nossa proposta, que adota softwares livres com biblioteca digital especializada em conteúdo de filosofia e sociologia e comunidades. O projeto Práxis é um trabalho inédito no Brasil”, comemora Valcionir Correa, um dos integrantes do projeto. Segundo ele, a rede social do Práxis é oportunidade de comunicação entre professores e estudantes. As comunidades são voltadas para a discussão de conteúdos de ensino das duas disciplinas e para debate sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Professores podem trocar experiências – como aulas bem-sucedidas –, além de compartilhar planos de ensino e de aula. Em seis meses de funcionamento o site possui nove grupos de discussão. A equipe estimu-

la a divulgação do site através de cursos e oficinas de capacitação, que por enquanto foram oferecidos para professores de duas escolas de Florianópolis, a EEB Simão José Hess e a EEB Maria José Barbosa.

O portal Práxis foi desenvolvido pelos laboratórios Lefis, Lastro e Centro de Geração de Novos Empreendimentos em Software e Serviços (GeNESS). Participam professores e alunos de Ciências Sociais, de Filosofia e do ensino médio, além de bolsistas de Sistemas de Informação, que fazem parte do GeNESS. A parceria com o GeNESS surgiu porque sua equipe produz software livre e esse é o conceito do site: livre conhecimento, acesso para todos. O trabalho conta com recursos do Ministério da Ciência e Tecnologia, por meio do projeto Modelo de Referência de Inclusão Digital na Formação em Filosofia e Sociologia no Ensino Médio.

Saiba Mais:

No período da Ditadura Militar, essas matérias foram extintas dos currículos das escolas, por serem consideradas uma ameaça ao regime. Em 2008, o presidente da República em exercício, José Alencar, sancionou lei que torna obrigatório o ensino de sociologia e filosofia para os estudantes do ensino médio. Em Santa Catarina, essas disciplinas estão presentes na grade curricular desde 1998, por meio da Lei Complementar do Sistema Estadual de Educação.

Estudo diagnostica falhas na distribuição de medicamentos de alto custo

Fotos: Carolina Dantas

Pesquisa aponta falta de informação e orientação sobre programas do Ministério da Saúde

Erich Casagrande
Especial para o *JU*

Entre os anos de 2005 e 2008, o Estado de Santa Catarina arcou com aproximadamente R\$ 60 milhões, em pedidos de medicamentos que poderiam ser custeados pelo governo federal. Os dados resultaram de um estudo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Farmácia da UFSC.

A pesquisa mostra que 17% das solicitações de medicamentos de alto custo realizadas via judicial em Santa Catarina poderiam, em tese, ser atendidas pelo programa do Governo Federal. A porcentagem representa 3.535 pedidos em fármacos que estavam incluídos na lista do Componente de Medicamentos de Dispensação Excepcional (CMDE), atualmente denominado Componente Especializado da Assistência Farmacêutica, um dos mecanismos de distribuição gratuita do Ministério da Saúde.

Fármacos de alto custo

Há duas formas de conseguir que o governo pague medicamentos de alto custo necessários ao tratamento de alguma enfermidade. Uma delas é através de um dos três programas do Ministério da Saúde.

O Componente Especializado de Assistência Farmacêutica trata justamente dessa espécie de medicamentos. Caracterizado por elevados valores, seja no aspecto unitário do fármaco, ou no total do tratamento. Os outros dois programas federais são Atenção Básica (para doenças como hipertensão e diabetes) e Estratégicos (direcionado a doenças específicas, como a AIDS, tuberculose e malária), que não se caracterizam como programas de alto custo.

A segunda opção para conseguir o financiamento dos medicamentos de alto custo é pela Justiça. O paciente entra com processo contra o Estado e solicita o custeio do tratamento. Na maioria das vezes o caso é resolvido com agilidade, já que envolve a saúde do cidadão.

Foi cruzando os dados sobre estes procedimentos de alto custo que os farmacêuticos Gelson Borba, Daiani Borges

e Juanna Ronsein, com o pesquisador alemão Bernd Storb, e a professora do Curso de Farmácia da UFSC, Mareni Farias, constataram problemas no estado de Santa Catarina.

Durante o período dos quatro anos estudados, o antigo CMDE disponibilizava 240 fármacos diferentes. E somente quando o remédio prescrito pelo médico não está nesta listagem ou quando o paciente não preenche os critérios estabelecidos pelos Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas (PCDT), é que cabe o procedimento via judicial. Após determinação da Justiça quem acaba arcando com o custo do medicamento é a Unidade Federativa, no caso, Santa Catarina.

No mesmo período, 8.671 cidadãos foram atendidos via judicial, o que gerou uma conta de R\$151 milhões para Secretaria de Estado da Saúde. Entre as 20.882 solicitações que o Estado de Santa Catarina bancou, 3.535 eram de medicamentos padronizados pelo CMDE. O gasto com esse atendimento foi de R\$60 milhões, valor que poderia ser pago pelo Governo Federal.



As substâncias Adalimumabe e Infliximabe estão entre as mais exigidas judicialmente

Mudanças no programa do Governo Federal inibem solicitações

No dia 26 de novembro de 2009 foi aprovada a Portaria GM de número 2981 que regulamentou algumas modificações no antigo programa CMDE, do Ministério da Saúde. Além de alterar o nome para Componente Especializado da Assistência Farmacêutica, a portaria definiu a inclusão de alguns fármacos e de algumas doenças no programa.

Juanna Ronsein acredita que algumas dessas mudanças venham a diminuir o número de solicitações judiciais de determinadas substâncias. É o que acontece com os fármacos Adalimumabe e Infliximabe que estavam padronizados para doenças como Atrite e Reumatóide, mas não para Espondilite Anquilosante, que passou ser incluída em novembro de 2009. "Uma das hipóteses levantadas pelo nosso trabalho é de que alguns pacientes recorriam à Justiça porque a doença que portavam não estava padronizada pelo CMDE", afirma Ronsein.

O mesmo pode ocorrer com as substâncias Ribavirina e Alfa-peginterferona, ambas usadas no tratamento de Hepatite C. O retratamento dessa doença só passou a ser padronizado após a homologação da

Portaria 2981. Mas essa redução não será efetiva enquanto os Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) não forem atualizados com as novas substâncias e doenças. O que também está previsto pela Portaria, mas que ainda não aconteceu.

Os resultados serão encaminhados aos órgãos responsáveis como uma colaboração para que o atendimento possa ser melhorado. Para a professora Mareni, o mérito do estudo é gerar informação sobre os processos judiciais envolvendo solicitações de medicamentos de alto custo promovidos contra Santa Catarina e poder apontar onde estão as falhas para sua correção.

O trabalho "Acesso a medicamentos de alto custo: comparação entre a demanda de medicamentos solicitados via Componente de Medicamentos de Dispensação Excepcional com a de requeridos judicialmente, em Santa Catarina de 2005 a 2008", conquistou menção honrosa no III Congresso Brasileiro Sobre o Uso Racional de Medicamentos, promovido pelo Ministério da Saúde e Agência Nacional de Vigilância Sanitária no final de outubro de 2009.

Há duas formas de obter o pagamento dos remédios pelo governo: através de um dos três programas do Ministério da Saúde ou conseguindo o financiamento por determinação da justiça



Desinformação

Como possíveis causas de demandas judiciais de medicamentos pertencentes ao CMDE, o estudo apontou a falta de informação por parte dos pacientes e dos médicos quanto à existência e normas de execução do programa do Governo

Federal e o não preenchimento dos PCDT, que definem como e por quanto tempo será o tratamento de cada paciente.

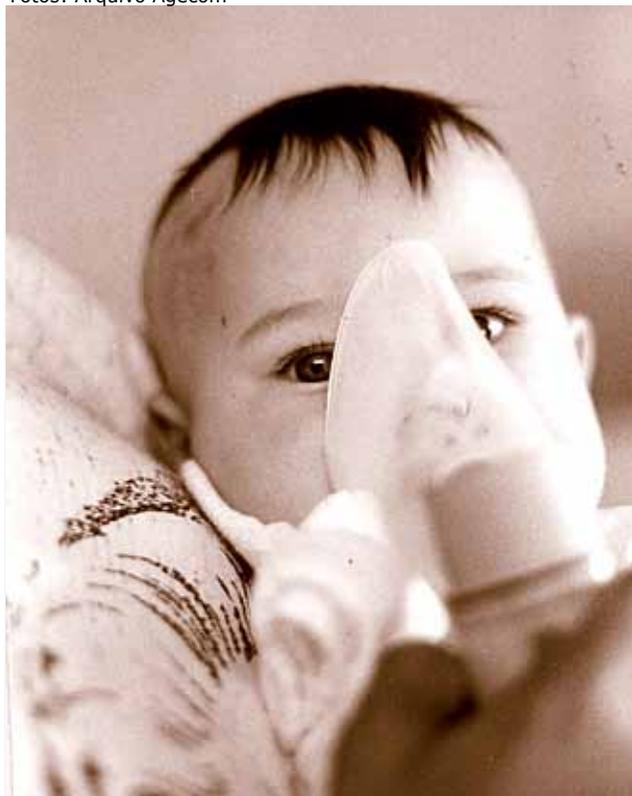
Outra questão importante apontada pela professora Mareni é a falta de atenção quanto ao nome do princípio ativo

dos medicamentos durante o andamento do processo. "Às vezes há um medicamento padronizado pelo CMDE que cumpre a mesma função daquele que o médico prescreveu e que poderia ser utilizado", explica. A professora alerta

que, para facilitar a correta solicitação do medicamento junto a um órgão público, a prescrição médica deve conter o nome genérico (substância) do remédio e não somente o nome comercial adotado pelos laboratórios.

Reconhecimento conquistado pela qualidade

Fotos: Arquivo Agecom



Há 30 anos o HU atua na atenção básica, média e de alta complexidade

Hospital Universitário tornou-se referência em várias especialidades, com demanda na área de câncer e cirurgias de grande porte, atendendo exclusivamente pacientes do Sistema Único de Saúde

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Os trabalhos de planejamento e construção do Hospital das Clínicas, posteriormente denominado de Hospital Universitário Prof. Polydoro Ernani de São Thiago, começaram em 19 de novembro de 1965. A longa jornada de lutas pela sua fundação, no entanto, tiveram início ainda em 1963, quando da criação de uma comissão que contava com a participação do próprio médico São Thiago e de outros membros da categoria médica, respaldados pelas personalidades que ajudaram a implantar a Universidade Federal de Santa Catarina, criada pelo presidente Juscelino Kubitschek em 18 de dezembro de 1960.

Em 1968, três anos após o início do estaqueamento, começaram as obras de estruturação do prédio. Mais três anos se passaram e os trabalhos foram paralisados, por falta de recursos repassados pelo Governo Federal. Nesse período, a imprensa de Florianópolis dava conta da apreensão generalizada com a interrupção do projeto e com o temor de que o "esqueleto" se deteriorasse, pondo a perder o que já havia sido construído.

Em 1973, o jornal *O Estado* destacou a intensificação da campanha dos estudantes da área da saúde em defesa do hospital, que viajaram a Brasília para tentar sensibili-

zar o ministro da Educação, Jarbas Passarinho, sobre a importância de retomar a obra. Finalmente, em 1975, foi rearticulada a comissão de implantação, que conseguiu retomar os trabalhos e permitir que, em 2 de maio de 1980, o Hospital Universitário fosse entregue à instituição.

Há 30 anos, o HU/UFSC busca atender às políticas públicas, atuando nos três níveis de assistência: atenção básica, média e alta complexidade. Tornou-se referência em diversas especialidades, com forte demanda na área de câncer e cirurgias de grande porte, atendendo exclusivamente pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS). Pelo trabalho realizado, conquistou o reconhecimento da população catarinense, assim como das instituições responsáveis pela gestão da saúde, em todos os níveis de governo.

Em outubro de 2004, o HU foi reconhecido como Hospital de Ensino, por meio de credenciamento junto aos ministérios da Educação e da Saúde. Naquele momento também foi firmado convênio com a Secretaria de Estado da Saúde, pactuando serviços e atividades e explicitando diretrizes e metas físicas de qualidade para as áreas de atenção à saúde, ensino e pesquisa e aprimoramento e aperfeiçoamento da gestão hospitalar. Em 2005, o Hospital Universitário começou o seu Planejamento Estratégico, dando um passo fundamental em direção à excelência das práticas de gestão.

Um hospital 100% público

De acordo com a diretora Marisa Coral, o principal gargalo está na Emergência, porque ainda existe a cultura da população de procurar o HU em casos que poderiam ser resolvidos nas Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) e nos postos de saúde das prefeituras, sobrecarregando o setor. "Isso ocorre, também, pelo alto poder de resolutividade apresentado por nosso hospital", afirma ela. Por isso, existe um programa de classificação de risco, que seleciona os casos mais graves para atendimento, evitando a pressão sobre a Emergência.

Uma boa notícia foi a criação do Programa Nacional de Reestruturação dos Hospitais Universitários Federais (Rehuf), em janeiro deste ano, que pretende criar condições materiais e institucionais para que os HUs possam desempenhar plenamente as suas funções. Neste sentido, há a segurança de que os hospitais permanecerão 100% públicos, investindo no ensino de graduação – a função para os quais foram criados –, a pesquisa, a extensão e a assistência à população.

O fato de ser um hospital de referência é positivo,

segundo a diretora, mas hoje, dentro das regras do SUS, o atendimento é universal. Obedecendo ao princípio da equidade, o HU cumpre o que foi contratualizado com a Secretaria de Estado da Saúde, prestando assistência a todos os que o procuram.

O planejamento estratégico criado em 2008 busca, neste momento, a acreditação do hospital e a melhoria da gestão de assistência. Até 2012, por meio do Rehuf, será possível fazer um diagnóstico completo da infraestrutura física, tecnológica e de recursos humanos, especificar as necessidades mais urgentes, dimensionar o impacto financeiro da reestruturação e estabelecer um cronograma de implantação do plano, com aportes federais.

Entre as conquistas mais recentes está a realização, a partir de dezembro de 2009, de transplantes de córnea e de outros procedimentos de alta complexidade na área da oftalmologia. Os transplantes de rim e fígado começam a ser planejados, abrindo uma nova perspectiva para centenas de pessoas que aguardam esse tipo de cirurgia para voltarem a ter uma vida normal.



Rehuf quer criar condições para que o HU continue atuando como faz desde 1980: investindo em graduação, pesquisa, extensão e assistência à comunidade

Emergência: 20 mil atendimentos por mês

O HU conta hoje com 274 leitos e coloca à disposição dos usuários tratamentos clínicos e cirúrgicos, obstetrícia/alajamento conjunto, berçário, pediatria, unidade de terapia intensiva (adulto e neo-natal), emergências (adulto e pediátrica), ginecologia e centro de tratamento dialítico.

Em 2009, o Hospital Universitário realizou 242.806 atendimentos na emergência, ambulatório e internações. Isso dá uma média de cerca de 20 mil por mês, sempre pelo SUS e abrangendo todo o Estado. O número de funcionários chega a 1.739, contando os médicos, enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem e outros profissionais, incluindo os contratados em caráter temporário e os terceirizados.

Neste momento, estão sendo chamados os profissionais aprovados no concurso realizado no final de 2009. Dos 196 selecionados, o MEC autorizou a nomeação de 71, entre eles 22 médicos, dez enfermeiros e 14 técnicos em enfermagem, que devem estar contratados até o início de junho. A diretora Marisa Coral prevê, no entanto, o agravamento do problema a partir deste ano, porque o 30º aniversário do hospital coincide com a chegada da aposentadoria compulsória de um grande número de funcionários, especialmente nas áreas médica e de enfermagem. A solução será utilizar a figura do funcionário-equivalente, prevista em programa do Governo Federal.

Atendimentos

Emergência	82.825
Ambulatório	149.273
Internações	10.708
TOTAL	242.806

Dados de 2009

Quadro de pessoal

Médicos	272
Enfermeiros	146
Aux. de enfermagem	172
Téc. de enfermagem	256
Outros cargos	559
TOTAL	1.739

Dados de 2009, incluindo os contratados temporários e os terceirizados

Concursados

Cargo	Total	Admissões (*)	Admissões futuras
Médico	50	28	22
Enfermeiro	27	10	17
Fisioterapeuta	6	0	6
Farmacêutico-bioquímico	2	0	2
Assistente social	1	1	0
Nutricionista	1	1	0
Psicólogo	1	0	1
Técnico em enfermagem	91	14	77
Assistente em Administração	14	14	0
Técnico de laboratório	3	3	0
TOTAL	196	71	125

(*) Contratações autorizadas pelo MEC

Vice-reitor revela seu projeto de vida

Fotos: Paulo Noronha

O HU, segundo Carlos Alberto Justo da Silva (Paraná), transformou-se em um centro de excelência na assistência à população e principalmente na formação de profissionais

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

O Hospital Universitário tem uma história de lutas que envolveram grandes nomes da medicina e do ensino em Santa Catarina, mas nas últimas três décadas poucas pessoas estiveram tão ligadas à rotina da casa, com seus percalços e conquistas, quanto o médico e professor Carlos Alberto Justo da Silva, o Paraná. Ele era estudante quando a construção do HU parou por falta de recursos federais, e estava lá quando ele foi inaugurado, em maio de 1980. Desde então, foram anos de militância, nas salas de cirurgia e no gabinete, como diretor da casa. Hoje, vice-reitor da UFSC, Paraná segue apostando no hospital, referência em Santa Catarina, e acreditando que os enormes desafios que se apresentam a cada temporada podem ser superados, com persistência e compromisso.

"A UFSC tem o grau de garantia das grandes escolas, mas o processo de construção é permanente", afirma o professor, que investe na docência médica como projeto de vida. A infraestrutura e os recursos humanos são objeto de preocupação constante da direção e da própria universidade, mas o foco são sempre as ações que buscam dar uma formação cada vez melhor a quem estuda nos cursos da área médica e vai trabalhar nela depois, na vida profissional.

"O HU não existe para atender pessoas, mas para formar pessoas", reforça o vice-reitor. "A assistência é de alta qualidade porque o ensino e a pesquisa são de alto padrão. Por isso, não se trata de um hospital criado para

prestar assistência ao Estado, mas que existe para formar profissionais de saúde. Nesse caminho, ele se transformou num centro de excelência, e a população reconheceu isso".

É pensando nisso que o Hospital Universitário vem aperfeiçoando sua estrutura, com o apoio da Reitoria, dos governos federal e estadual e também da Associação de Amigos do HU. A intenção é ampliar a capacidade instalada, ou seja, a estrutura física e as instalações, e investir nos recursos humanos, o que vai melhorar a qualidade e as condições de ensino. Hoje já são atendidas mais de 200 mil pessoas por ano, com destaque para o ambulatório e emergência e a internação, mas o nível de satisfação do usuário já supera os 80%.

Foi graças às parcerias que o HU pode contar com recursos como tomógrafo computadorizado, aparelhagem de ponta na UTI e banco de sangue. Mas há necessidades prementes, como a ala de queimados, que é indispensável numa cidade com aeroporto internacional. E uma unidade de transplantes, que está em processo de montagem e poderá suprir parte da demanda dos pacientes hoje dependentes dos hospitais privados.

Em sua carreira, o professor Paraná levou ao pé da letra o que aprendeu quando fez sua pós-graduação no Rio de Janeiro, nos anos 80, sobre a docência médica. Ou seja, não basta ser médico, nem é tão relevante ser médico professor, mas é importante ser professor médico. "É essencial ter formação para a docência, ensinando o que se sabe", afirma ele. Foi por isso que se aprofundou em educação médica durante três anos.



Paraná: atendendo gente e formando pessoas



Ver as coisas acontecendo

Quando coordenou o Curso de Medicina, fez uma gestão que priorizou a busca da educação médica com plenitude. Aquela altura, os jovens já aprendiam que tão importante quanto investirem na vida de profissionais liberais era ajudar a implantar o SUS, criado pela Constituição Federal de 1988. "Foi a fase do 'aprender fazendo', coisa que o ensino médico ajudava a consolidar". Hoje, como professor médico, Paraná

divide essa vocação com a gestão, outra de suas paixões, porque lhe permite "ver as coisas acontecendo" na academia, com todas as suas particularidades.

Formar uma rede de atenção integrada de saúde foi outro grande desafio, e o HU, antes uma ilha dentro da rede, migrou para o sistema. Foi preciso, por isso, mudar os currículos de Medicina, processo que levou pelo menos quatro anos. O Centro de Ciências da Saúde

da UFSC, do qual também foi diretor, integrou os cursos da área médica, rompendo com a visão isolada, estanque, que predominava até então. A prioridade passou a ser a formação de equipes baseadas nos princípios do SUS – integralidade, universalidade e equidade. O passo final foi a formação de uma rede docente assistencial para atender as unidades de saúde da Prefeitura de Florianópolis.



Mãos para a arte de tratar

Carlos Alberto Justo da Silva nasceu para trabalhar com as mãos, e não foi por acaso, certamente, que estudou escultura em Curitiba, antes de chegar à encruzilhada que o colocou frente a frente com o dilema – Arquitetura ou Medicina? Como o cirurgião, o artista também modela o corpo, ou lhe dá melhor condição possível para operar.

Talvez tenha sido essa uma das razões que o levaram a buscar sempre a humanização do atendimento e das relações dentro do hospital. "Reduzimos as divisórias, procuramos compartilhar mais os espaços", diz ele. "A conversa com o doente traz mais possibilidades de aceitação do diagnóstico e do tratamento. O diálogo, a transparência, mostra a boa intenção do profissional de saúde".

Isso se transportou para a rei-

toria, com a promoção do trote saudável, a instalação de ciclovias no campus, o fechamento de ruas para os veículos, a oferta de oportunidades iguais para todos nas formaturas, os investimentos em capacitação.

Se foi despojado carregando as pastas dos mestres Ernesto Damerau e Celso Lopes no pronto-socorro, Paraná se mostra agora um otimista com o futuro da Medicina. Já existe tratamento para males que antes correspondiam a uma sentença de morte, e transplantes de órgãos destruídos por acidentes ou armas de fogo dão esperanças de recuperação a muitas pessoas que chegam mal às emergências. "O que não era tratável antigamente hoje pode ser resolvido até mesmo sem uma intervenção cirúrgica", anima-se.



"Não basta ser médico, nem é tão relevante ser médico professor, mas é importante ser professor médico"

Sementes da Conservação

Parcerias entre universidades, associações de agricultores, ongs, empresas e órgãos governamentais fazem com que SC prossiga em iniciativas de conhecimento de sua flora

Foto: Equipe IFFSC



Arley Reis
Jornalista na Agecom

No início da década de 50 Santa Catarina passou por seu primeiro inventário florístico. De carro, a pé ou a cavalo, Raulino Reitz, o padre dos gravatás, coletou 75 mil plantas em todo o Estado, descreveu cinco gêneros e 327 espécies novas desconhecidas pela ciência.

Santa Catarina era um estado coberto pela Mata Atlântica, em tempos de epidemia de febre amarela, com registro de quase 27 mil casos. Nessa época, a equipe do Instituto de Malariologia realizou levantamentos botânicos até hoje considerados os principais estudos da América do Sul. Reitz se dedicava às bromélias, pois o ambiente preferido do mosquito causador da febre amarela era a coroa cheia de água dessa planta. Roberto Miguel Klein, que chefiava em Brusque a equipe de Ecologia do instituto, coletava amostras de árvores e arbustos.

O estoque de plantas que resultou do trabalho de combate à febre amarela expandiu o acervo

do Herbário Barbosa Rodrigues. Primeiro de Santa Catarina, foi implantado em 1942 por Raulino Reitz, na cidade de Itajaí - e originou a idéia da Flora Ilustrada Catarinense.

Para construir um mapa da vegetação que cobria o Estado, Reitz e Klein determinaram 180 pontos de coleta no território catarinense. Por 14 anos, de 1951 a 1964, visitaram todos esses locais mensalmente, coletando as plantas floridas que encontravam. A coleção documenta 95% da flora catarinense. Não foi um trabalho ligado às universidades, mas deixou sementes.

Hoje Santa Catarina conta com a força-tarefa do Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina. Desde 2007, equipes compostas por biólogos, engenheiros florestais, bolsistas, escaladores e ajudantes colocam em prática um plano que abrange mais de 400 pontos do território catarinense. Agora as amostras, chamadas de exsiccatas, farão crescer o acervo do Herbário Roberto Miguel Klein, da Universidade Regional de Blumenau (FURB).

O inventário prevê financiamento de R\$ 3 milhões da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica de Santa Catarina (Fapesc) e integra FURB, UFSC, Epagri e Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Rural. O objetivo é conhecer a quantidade e a qualidade das florestas que ainda cobrem o Estado. O inventário vai possibilitar também identificação de espécies importantes do ponto de vista socioeconômico e cultural. Além disso, permitirá uma revisão da lista de espécies ameaçadas de extinção - conhecimento fundamental para aproveitamento da biodiversidade da flora catarinense. A meta é gerar bases de dados com a informatização dos herbários catarinenses e montar um sistema de informações florestais que dê suporte à análise da cobertura e uso do solo em Santa Catarina.

Por trás desse esforço não está apenas o apelo pela conservação da rica biodiversidade da região. Outros personagens desconhecidos mantêm a visão de que biodiversidade deve significar qualidade de vida.

Mutirão pela biodiversidade

Santa Catarina terá nos próximos anos o desenvolvimento de 35 projetos de pesquisa sobre sua biodiversidade. Serão investidos pela Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica de Santa Catarina (Fapesc) R\$3,8 milhões em diversas instituições, entre elas UFSC, FURB, Unisul, Univille, Univali, Epagri, Udesc e Unochapecó. A ação busca consolidar o Programa Biodiversidade Santa Catarina.

Estão contemplados estudos sobre a vida marinha do litoral; peixes da Lagoa do Peri; orquídeas da Ilha de Santa Catarina; a vida nos costões rochosos da Baía da Babitonga e nos banhados do Planalto Catarinense. Há também estudos para conservação e ampliação do banco de material genético de espécies como a mandioca e a palmeira Juçara, pêssego, ameixa e nectarina, além de coleta, caracterização, uso sustentável e conservação da goiabeira-serrana.

Entre as pesquisas, uma tem foco no uso e conservação do pinhão, a semente da araucária. A proposta leva em conta que o uso do pinhão como fonte de alimento permanece culturalmente e economicamente relevante entre agricultores familiares. O trabalho proposto pelo Núcleo de Pesquisa em Florestas Tropicais da UFSC deve gerar conhecimento para fundamentação de políticas públicas associadas à conservação e ao uso da araucária.

Riqueza ameaçada

O território de Santa Catarina tinha 100% de sua área cobertos pelo chamado bioma Mata Atlântica. Esse conjunto de ecossistemas inclui o litoral, com seus manguezais e restingas, florestas de baixada e de encosta da Serra do Mar, florestas interioranas e as matas de araucárias e campos de altitude. Atualmente restam apenas 17% da vegetação que cobria de verde o mapa catarinense. Ainda assim, de acordo com levantamentos da Fundação do Meio Ambiente (Fatma), é o estado brasileiro com a maior cobertura de Mata Atlântica - ecossistema que abriga uma das maiores riquezas em biodiversidade do mundo. Estimativas indicam 20 mil espécies de plantas (40% endêmicas, ocorrendo somente no ambiente de Mata Atlântica); e 1.361 espécies de mamíferos, aves, répteis e anfíbios (41,6%, exclusivas desse ambiente).

Publicação da Rede de ONGs da Mata Atlântica, que integra aproximadamente 300 organizações, traz panorama sobre a situação da cobertura vegetal de 17 estados onde ocorre esse ecossistema. Um dos capítulos é reservado a Santa Catarina. As páginas mostram como o desmatamento para agricultura, pecuária, suinocultura, rizicultura, a produção de lenha para secagem do fumo, extração de areia e carvão mineral, o crescimento das cidades e a especulação imobiliária, entre outros fatores, provocaram a degradação da cobertura florestal.

No interior, a atividade madeireira é uma das grandes causadoras da destruição. Santa Catarina já foi um dos maiores produtores de madeira do país, mas além de gerar renda essa atividade arrasou espécies nativas nobres como a araucária, a canela e a imbuia. Historicamente, a extração seletiva de espécies florestais nobres foi realizada de forma predatória, muito acima da capacidade de auto-regeneração. Um dos piores exemplos, destaca a Rede de ONGs, é a Mata de Araucária, floresta tipicamente dominada pelo pinheiro, que coloria de verde escuro boa parte do território de Santa Catarina. A "mata preta", como era chamada pelos colonos, cobria mais de 40% de Santa Catarina - hoje, segundo dados do Ministério do Meio Ambiente, menos de 1% pode ser considerado floresta primária.

Floresta domesticada

Pesquisa gera fundamentos para regulamentação do uso da bracatinga, espécie nativa da Mata Atlântica

Arley Reis

Jornalista na Agecom

A bracatinga é uma das espécies da Mata Atlântica mais usadas no país para produção de lenha e carvão. É considerada a melhor lenha do Brasil, mas seu corte é exemplo de um conflito entre legislação ambiental e famílias rurais.

No Planalto Catarinense, a bracatinga garante metade da renda dos agricultores em assentamentos. São terras de solos raros e de baixa fertilidade, com áreas de encostas, morros ou de uso restrito, segundo a própria legislação.

Desde o final dos anos 80, assim como preparam o solo e cuidam das plantações de milho e feijão, os agricultores cultivam as árvores de bracatinga. A sabedoria popular recomenda só fazer o corte após as plantas terem "sementado" pelo menos três vezes e manter árvores adultas, o que garante a formação do próximo bracatingal. Os agricultores também usam fogo para quebrar a dormência das sementes no solo; fazem "raleio" para melhorar o crescimento das mudas e protegem a área para evitar a entrada de gado e fogo.

Com esse trabalho, as famílias manejam

a espécie que naturalmente brota em áreas abertas da Mata Atlântica. Mas, de acordo com a legislação ambiental, estão agindo contra a lei, cortando florestas secundárias nativas. São exigências legais que apresentam menos elementos conservacionistas do que a atuação dos agricultores, mostra tese desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Recursos Genéticos Vegetais, ligado ao Centro de Ciências Agrárias da UFSC.

Conhecimento popular - O estudo foi conduzido nos assentamentos Putinga, Jangada, Treze de Outubro e São Roque, nos municípios de Calmon e Matos Costa. Possibilitou a avaliação dos processos históricos, culturais, ecológicos e econômicos envolvidos com a bracatinga no Planalto Catarinense. E mostra que o uso dessa árvore contribui para que a maior parte da área dos assentamentos tenha mais de 60% de cobertura florestal, tanto de bracatingais como de florestas secundárias nativas.

A pesquisa comprova também que os bracatingais são formações florestais com mais de 80% de árvores desse tipo, que surgem a partir do esforço dos agricultores. "O bracatingal é uma opção de uso do solo, e não uma cobertura vegetal nativa de especial necessidade de proteção", argumenta

Walter Steenbock, autor da tese 'Domesticação de bracatingais: perspectivas de inclusão social e conservação ambiental'.

Com a ajuda dos agricultores, Walter identificou os cuidados considerados importantes para a formação e manutenção dos bracatingais. Além disso, avaliou aspectos da cadeia produtiva da espécie, construindo uma visão crítica sobre a legislação ambiental.

Segundo ele, o caso da bracatinga no Planalto Catarinense revela a opção da legislação brasileira de promover a importação de técnicas e práticas desvinculadas da realidade local. Uma postura que prejudica as populações tradicionais e negligencia o fato de que o uso que fazem dos recursos naturais pode ser ecologicamente sustentável.

"A existência de parâmetros de manejo e de uma estrutura bem característica pode ser um critério simples e eficaz para a definição de um bracatingal manejado, uma paisagem domesticada, e não uma floresta secundária nativa, possibilitando o uso legal destas formações, de forma semelhante ao que ocorre em relação aos plantios florestais", destaca Walter em sua tese. Esta visão permitiria o uso do bracatingal em qualquer momento do ciclo, com maior benefício para as famílias

assentadas. Os agricultores poderiam explorar a bracatinga para produção de escoras, palanques, lenha e tabuados, agregando valor a seu trabalho e reduzindo o impacto ambiental e social da produção do carvão.

"O estudo indica a importância da busca pela participação e envolvimento dos agricultores na discussão e deliberação dos instrumentos legais", alerta Walter. A pesquisa surgiu a partir da demanda de lideranças dos agricultores da região junto ao Ibama. A partir dessa solicitação, foi montado um projeto que integrou diversas instituições. Entre elas, o Núcleo de Florestas Tropicais da UFSC, Epagri, Incra e a Cooperativa de Trabalhadores da Reforma Agrária de Santa Catarina.

A tese de Walter é parte desse trabalho e resultou em propostas de mecanismos para a regulamentação do manejo dos bracatingais, envolvendo aspectos técnicos, metodológicos e organizacionais, para que os agricultores assentados possam trabalhar de forma legal e com maior inserção na cadeia produtiva. "O trabalho tem o mérito de reconhecer o sistema tradicional dos agricultores e viabilizar suas práticas", considera o professor Maurício Sedrez dos Reis, orientador do trabalho e coordenador do Núcleo de Pesquisas em Florestas Tropicais da UFSC.



Os agricultores e a bracatinga

"Quando viemos pra cá não conhecíamos a bracatinga, mas tinha gente que já usava ela pro carvão. A gente não tinha ideia que ela era dessa região, desse clima. Aí percebemos que precisávamos conviver com ela."

Sr. J. (Assentamento São Roque)

"Antes a gente achava que o bracatingal fazia a terra ficar ácida, então se botava fogo pra tentar acabar com a bracatinga...Muita gente tentou acabar com os bracatingais assim. Mas mesmo a gente tentando acabar com a bracatinga, pra fazer lavoura, a bracatinga venceu"

Sra. E. (Assentamento São Roque)

"Quando a gente chegou, aqui tinha mato com bracatinga, vassoura, vassourão... mas a bracatinga não sementava e não vinha forte no meio dos mato. Quando as empresas começaram a tirar o mato e a gente começou a queimar pra plantar, começou a vir só bracatinga, que começou a dar flor e semente muito rápido"

Sra. En (Assentamento São Roque)

"Lá no oeste, quando a gente tinha terra, a gente tava acostumado a plantar duas safras de milho por ano... não tinha geadas pra atrapalhar. O milho vinha que vinha viçoso, e não precisava de adubo. Quando a gente começou a plantar aqui, ai viu que o milho não vinha direito, nem em uma safra só. Aí a gente começou a lidar com a bracatinga, que era a única coisa que dava"

Sr. V., Grupo 3, Assentamento Putinga

Fonte: tese 'Domesticação de bracatingais: perspectivas de inclusão social e conservação ambiental'

Diferenças entre bracatingais e florestas secundárias



Florestas secundárias

-  A densidade total de indivíduos é, em média, em torno de **8 mil indivíduos por hectare**, em formações de **1 a 4 anos**
-  A percentagem da bracatinga **nunca é superior a 18 %**, em florestas secundárias de **1 a 16 anos**.
-  A densidade total de indivíduos varia na ordem de **5 mil a 8mil indivíduos por hectare** ao longo do processo sucessional, em florestas de **1 a 20 anos** de idade.
-  Maior diversidade de espécies, relativamente aos bracatingais, nas florestas secundárias

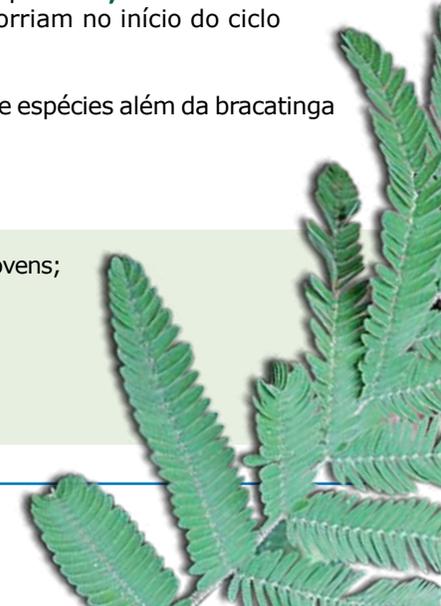


Bracatingais

-  Densidade total de árvores, em média, superior a **30 mil por hectares**, em bracatingais de **1 a 4 anos**
-  Mais de **80% de árvores**, em bracatingais de **1 a 16 anos**
-  Densidade expressivamente reduzida ao longo do tempo, sendo, em bracatingais de **17 a 20 anos**, de apenas **2,5 % do total** de árvores que ocorriam no início do ciclo
-  Reduzido número de espécies além da bracatinga

Manejo do bracatingal pelos agricultores

- formação dos bracatingais na época adequada, evitando o efeito de geadas sobre as plantas jovens;
- formação somente após a garantia de elevada quantidade de sementes no solo;
- aplicação de fogo para a quebra de dormência das sementes;
- manutenção de árvores ou de bracatingais adultos nos lotes como matrizes;
- desbaste sistemático de plantas no início do ciclo dos bracatingais;
- controle do gado, da entrada de fogo e de formigas



Floresta em restauração

Pesquisa mostra que fazendas produtoras de madeira de reflorestamento podem colaborar com recomposição da cobertura florestal do Estado

Arley Reis

Jornalista na Agecom

Santa Catarina é o segundo maior produtor de madeira plantada do Brasil. A maior parte da produção vem de cultivos de pinus do Planalto Catarinense. Essa atividade trouxe ao Estado o título de maior desmatador da Mata Atlântica no Brasil. Por isso, tornar compatível processos produtivos com a conservação dos recursos naturais é um desafio.

Uma tese desenvolvida na UFSC comprova que o pinus pode recompor seu papel nessa história. A pesquisa foi executada em parceria com a empresa Battistela Florestal, uma das maiores do setor. Foram estudadas fazendas produtoras de pinus em Rio Negrinho e Rio do Cedro, no Planalto Norte catarinense.

A região era coberta por áreas contínuas de Floresta de Araucária, com a chamada submata dominada principalmente pela Imbuia, Sapopema e erva-mate. Atualmente a paisagem está fragmentada entre o plantio de pinus e remanescentes de florestas. Mas a silvicultura ocupa no máximo 50% da região. A outra metade é formada por florestas remanescentes – condição mantida por exigência do Código Ambiental e pelas características do relevo da região.

A série histórica sistematizada no trabalho revela que é uma paisagem em regeneração. Os resultados demonstram que os mosaicos formados por talhões de pinus, manchas de florestas nativas de reservas legais e extensos corredores de áreas ciliares formam um ambiente em processo de restauração da diversidade de flora e fauna.

Fotos: Deisy Regina Três

Trânsito animal

“Os talhões de pinus atuam como facilitadores dos fluxos biológicos, como a dispersão de sementes pelas aves e o deslocamento de mamíferos, quando comparados às áreas desmatadas, de pastagem ou culturas agrícolas”, explica a bióloga Deisy Regina Três, que desenvolveu a tese junto ao Laboratório de Restauração Sistêmica do Centro de Ciências Biológicas (CCB) da UFSC.

Em suas saídas de campo ela observou que ao mesmo tempo em que uma espécie de gavião frequenta uma área de floresta, acessa regiões de pinus em busca de pequenos roedores que utilizam

os talhões como áreas de refúgio. Herbívoros como o veado foram encontrados em todos os tipos de vegetação das fazendas.

As observações revelam que animais como o cachorro do mato, quati, tatu e algumas espécies de aves, também transitam por todos os ambientes. Inclusive nas estradas abertas para manejo do pinus.

“Esse tipo de comportamento sugere a possibilidade de conexão entre as áreas nativas e cultivadas da paisagem e aumenta a probabilidade de conectividade entre as manchas remanescentes de mata nativa”, descreve a pesquisadora.



O deslocamento de animais sugere a possibilidade de conexão entre as áreas nativas e cultivadas da paisagem

Fluxos biológicos

O trabalho constata também que a probabilidade dos animais conseguirem atravessar os talhões de pinus cresce à medida que a paisagem se torna mais diversificada, com manchas de diferentes tamanhos e distâncias. Além disso, a grande quantidade de córregos e riachos resultou em uma rica densidade de corredores de vegetação ciliar que integra as áreas das fazendas.

A partir da construção de uma série de mapas e análise das medidas das regiões ocupadas pela silvicultura e florestas naturais, assim como dos corredores de matas nativas, a bióloga analisou a estrutura dessa paisagem. Além disso, avaliou os fluxos ecológicos entre estas regiões, por meio de técnicas como a coleta da chuva de sementes, registro fotográfico da fauna silvestre e de sinais como fezes, pegadas e abrigos.

Com o cruzamento das informações, a bióloga estimou o que tecnicamente os pesquisadores chamam de “conectividade funcional do mosaico”. A conectividade é definida como a capacidade de uma paisagem de facilitar os fluxos de organismos, sementes e grãos de pólen. Os resultados mostram que mesmo os talhões de pinus são regiões potenciais para a conectividade, favorecendo a integração entre os fragmentos de mata remanescentes.

A bióloga defende que essa paisagem entrecortada e a irregularidade de formas das manchas de pinus tende a aumentar o contato entre a matriz produtiva de madeira de reflorestamento e a vegetação natural remanescente. Além disso, o estudo mostra que o efeito borda, geralmente considerado como um dos problemas para a manutenção da biodiversidade em Unidades de Conservação, é positivo dentro das fazendas de reflorestamento.

“Estas bordas permitiram uma maior superfície de contato dos ambientes naturais com os talhões de pinus, levando a maiores fluxos biológicos dentro da paisagem”, explica Deisy, que analisou a paisagem do planalto norte catarinense a partir de uma visão sistêmica, contemplando elementos históricos, físicos e ecológicos. Ela defende a concepção de que a paisagem é produto da relação histórica do homem com o clima, o relevo, solo, água, vegetação e diferentes usos da terra.

“É necessário problematizar as situações do nosso tempo, enfrentando as complexidades. As paisagens e suas conectividades se inserem em realidades ainda pouco exploradas pela ciência, especialmente em metodologias sistêmicas que incluam, além de tantos outros componentes, o elemento humano com potencial modificador e possível restaurador dos processos naturais”, defende a autora da tese. Segundo ela, é um caso isolado, que caracteriza a situação de uma empresa, mas indica que fazendas produtoras de madeira podem conciliar produção e conservação.

“Um novo paradigma para a conservação é levantado por esta pesquisa, uma vez que ficou evidente que as fazendas produtoras de madeira, com seus aspectos produtivos e conservativos, representam grandes núcleos de diversidade biológica e potenciais para a integração da paisagem dentro da região estudada, o Planalto Norte catarinense”, salienta o orientador do trabalho, professor Ademir Reis.

Em sua opinião, a tese traz uma importante contribuição ao tema da restauração ambiental, assunto recente, que ainda depende de bases ecológicas sólidas e de experiências de campo.

Ombudsman

Jornal Universitário?

Não acredito em jornais institucionais. Mas vamos lá. Alguém se sentiu incomodado com alguma linha da última edição? De repente, só o editor do *Jornal Universitário*, Moacir Loth, por causa do artigo enviado pelo presidente do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA), Nildo Ouriques, que faz crítica à nota publicada pelo editor em outra edição do *JU*. Ouriques acusa Loth de reproduzir o que foi noticiado pela grande mídia, e não checar a informação, a respeito do conflito entre estudantes venezuelanos e o governo do presidente Hugo Chavez. Enfim. Não vou entrar em detalhes.

Há também uma reportagem com som de crítica, mas não ecoa em ninguém; não incomoda: Uma questão de educação. Fala sobre o problema da falta de vagas nos estacionamentos da UFSC e dos motoristas que estacionam em local proibido causando transtornos ao trânsito da Federal. O resto é só divulgação.

A publicação do artigo do presidente do IELA poderia até induzir que o *JU* é um jornal de livre expressão. Um jornal com ombudsman poderia indicar que o *JU* é livre de censura. Apesar de ser ingenuidade achar que algum veículo de comunicação, ainda mais institucional, é livre. Pelo que parece, o *JU* é livre para receber críticas e não para criticar a Universidade.

Basta conversar com alguns amigos meus que estudam na UFSC para obter informações sobre pautas que seriam mais interessantes, para não dizer apropriadas. A questão é querer buscar melhores pautas ou a censura? Espero que seja a censura. Assim compreenderei que este tablóide tem de ser usado para divulgação e ponto final.

Um assunto abordado na última



edição, que poderia repercutir algum eco e criar discussão, foi sobre as cotas. Não criou. A matéria defende claramente a implementação das cotas. Apresenta apenas números e utiliza como fonte principal Marcelo Tragtenberg, representante da Comissão de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas na Audiência Pública sobre Políticas de Ação Afirmativa de Reserva de Vaga no Ensino Superior, descaradamente favorável a esta política.

Tema que poderia ser abordado do ponto de vista dos alunos, tanto cotistas quanto os ingressantes por vestibular tradicional. Um amigo, que faz Odontologia, disse-me que estudantes negros sofrem preconceito e que muitos não conseguem acompanhar o ritmo do resto da turma. De repente, seja só no curso dele. Não sei. Não sei se o *JU* tem liberdade para fazer uma reportagem falando mal do sistema de cotas ou cutucando algumas possíveis feridas. Uma reportagem com personagens "humanos", e não somente fontes oficiais, geraria mais discussão. Mas poderia incomodar alguém. Será este o objetivo de um jornal universitário?

Vicente Parcias
Jornalista

Concurso para marcar os 50 anos

A Administração Central, juntando as forças das equipes da Pró-Reitoria de Desenvolvimento Humano e Social (PRDHS) e da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG), desenvolveu um trabalho intenso e integrado com os diretores dos Centros de Ensino e os chefes de Departamento, para viabilizar, nos limites da Lei Eleitoral, o maior concurso público para o magistério superior em 50 anos da UFSC.

Foram abertas 209 vagas, suprimindo as demandas dos campi de Florianópolis, Joinville, Curitibaanos

e Araranguá. Edital complementar preencherá também 35 vagas para o Colégio de Aplicação e sete para o Núcleo de Desenvolvimento infantil (NDI).

A homologação dos resultados deverá ocorrer até o dia 2 de julho deste ano. "O processo foi liderado pessoalmente pelo reitor Álvaro Prata e pelo vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva", faz questão de frisar o pró-reitor Luiz Henrique Vieira Silva.

Mais informações: www.coperve.ufsc.br/concursos/ddpp/2010/edital/edital_completo.pdf.

JU dos leitores

"Amigos do *JU* da UFSC,

*Sou comunicador, blogueiro e estudante de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Piauí, em Parnaíba. E o mais importante: um leitor costumaz do *JU*, esse primoroso informativo feito por vocês. Já li muitos jornais universitários de outras instituições de ensino superior, mas o *JU* é inigualável! Parabéns a todos da equipe pelo excelente trabalho. Eu sempre cito o *JU* como um modelo de jornal universitário a ser seguido.*

Sucesso!"

Ribamar Aragão

Imagem



O reitor Alvaro Prata (*centro*) e o presidente da Federação Catarinense de Futebol de Salão, João Carlos de Souza, assinaram no dia 16 de abril a resolução que denomina de *Taça UFSC 50 Anos - Futsal* o troféu destinado ao time campeão do torneio estadual em 2010. A cerimônia aconteceu na Sala dos Conselhos e reuniu representantes do futsal no Estado e membros da comunidade universitária.

UFSC é a grande vencedora do Prêmio Professor Caspar Erich Stemmer

Heloísa Dellanhol
Especial para o *JU*

Mais de cem certificados e 16 troféus foram entregues aos vencedores do **Prêmio Professor Caspar Erich Stemmer da Inovação em Santa Catarina**, criado pela Lei Catarinense de Inovação. A solenidade reuniu autoridades do governo estadual, de empresas e instituições de ensino superior no auditório Centreventos Ministro Renato Archer, na Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica de Santa Catarina (Fapesc).

Uma vez revelados os ganhadores das cinco categorias do prêmio, cada um poderá apresentar à Fapesc um projeto de capacitação e instrumentação de pessoas, instituições e empresas para aplicar os recursos a que têm direito. Os primeiros colocados entre as instituições de CT&I, por exemplo, receberão R\$ 50 mil, de um total de R\$ 240 mil a ser dividido entre os finalistas. A escolha foi realizada entre 104 candidatos porque se destacaram na promoção do conhecimento, na prática da inovação, pela geração de processos, bens e serviços inovadores nos anos de 2007, 2008 e 2009.

Homenagens - Entre as pessoas que lotaram o auditório, merece destaque o professor Caspar Erich Stemmer, cujo nome foi escolhido para o prêmio por ser um ícone da inovação e do empreendedorismo, além de ter criado, na condição de reitor, vários cursos na Universidade

Federal de Santa Catarina (UFSC).

"Muitos dos engenheiros da WEG foram alunos do professor Stemmer", disse Sebastião Lauro Nau, gerente de Pesquisa e Desenvolvimento do Produto da Unidade Motores da WEG. A empresa conquistou o segundo lugar na Categoria Empresa Inovadora de grande/médio portes.

O professor Orestes Estevan Alarcon acrescentou que no meio acadêmico Stemmer é visto como modelo, e atribuiu a ele boa parte do sucesso do Departamento de Engenharia Mecânica da UFSC, primeiro lugar na Categoria Instituição de Ciência, Tecnologia e Inovação. Alarcon recebeu troféu e certificado também como representante do colega de Departamento, professor Armando Albertazzi Gonçalves Júnior, segundo colocado na Categoria Protagonista da Inovação. O primeiro lugar ficou com o professor João Batista Calixto. "É uma honra termos o nome da UFSC associado a tantos agraciados", salientou o reitor da UFSC, professor Alvaro Prata, que ocupou lugar de honra na mesa de autoridades.

Completaram a mesa oficial o presidente da Fapesc, Diomário Queiroz, o ex-governador Luiz Henrique da Silveira, o presidente da Fiesc, Alcântaro Correa, o presidente do Instituto Euvaldo Lodi, Natalino Uggioni, o superintendente geral da Fundação Certi, Carlos Alberto Schneider, o secretário de Ciência e Tecnologia da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Carlos de Rolt, e o professor Stemmer, aplaudido de pé durante o evento.



O professor Caspar Erich Stemmer é considerado um ícone da inovação e do empreendedorismo; criou, quando reitor, vários cursos na UFSC

Descolorindo o mundo com pedaladas

Alunos da UFSC cruzaram a Argentina em direção ao Chile, numa viagem que durou 40 dias, com percursos diários de 80 km; a aventura teve como principal propósito promover a bicicleta como veículo sustentável e incentivar o ecoturismo

Gabriella Bridi

Bolsista de jornalismo da Agecom

Apenas dois meses de preparação para uma viagem de 1.500 km pedalando. Os seis participantes do projeto EcoAustral2010 percorreram o trecho entre Ushuaia, na Argentina, e Puerto Montt, no Chile, de bicicleta. O objetivo era promovê-la como veículo de transporte sustentável e ecológico, e também incentivar o ecoturismo.

Contaram com apoio da UFSC através do Núcleo de Educação Ambiental do Centro Tecnológico (CTC), Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e da Associação

dos Ciclovários da Grande Florianópolis.

Foram 40 dias enfrentando ventos, chuvas e baixas temperaturas. A ideia surgiu durante o projeto Travessia Pacífico-Atlântico, realizado em 2009, quando encontraram um grupo de chilenos cicloviantes que defendiam o movimento Patagônia sem Represas – contra a criação de hidrelétricas na região –, e que programavam uma viagem em fevereiro começando no Chile e indo até a Argentina. Apesar da vontade de participar, a data não era ideal para os brasileiros. Por isso, decidiram fazer o caminho inverso, iniciando um mês mais cedo, para encontrar os chilenos no caminho.

80 km por dia

Maurício, Daniel, Leonardo, Rafael, Renan e Robson iniciaram a viagem em 27 de dezembro, saindo de Florianópolis de ônibus até Ushuaia, percurso que durou três dias. De lá, reuniram as barracas, ferramentas, comida, bagagem pessoal, e partiram pedalando. Apesar de não serem especializadas, as bicicletas foram adaptadas para a travessia. Elas tinham suspensão, garupa, proteção no pneu e bagageiro. “Saímos daqui achando que as nossas bicicletas eram ótimas, até que começamos a ver a

bicicleta dos outros viajantes”, conta Leonardo Sanches.

Os aventureiros pedalavam cerca de oito horas por dia, mantendo a média de 80 km percorridos. Nenhum dos estudantes é ciclista profissional, e para a maioria essa era a primeira viagem longa. A cada 30 km paravam para descansar, esperavam que todos se reagrupassem e redistribuíam a carga. Um dos ideais era a privação de certos confortos: deveriam dormir em barracas e cozinhar.

Imprevistos

A rotina dependia da previsão do tempo. “A gente já esperava chuva, vento e frio”, explica Renan, “e quando tudo isso juntava, achávamos que não poderia piorar. Até que começou a chuva de granizo.” Mesmo em condições climáticas desfavoráveis, a equipe não parava. Enfrentaram temperaturas entre 4º e 20º. Por causa do frio, acordavam às 9h, planejavam o trajeto do dia e saíam somente ao meio-dia, quando o sol estava a pino. Pedalavam até o pôr-do-sol, em torno de 22h30min. Algumas vezes, devido ao vento e à chuva, optavam por viajar de noite. “A gente teve que entender que a força da natureza é superior à nossa. A natureza é algo a ser respeitado, e devemos lutar pela preservação”, explica Mauricio.

A parte mais difícil para os cicloviantes foi a Terra do Fogo, divisão entre a Argentina e o Chile. O arquipélago tem superfície semelhante à Irlanda, e a região é marcada por grande instabilidade tectônica, com relatos de vulcanismo e terremoto. Depois de superado esse desafio, o restante da viagem foi mais tranquilo. “Quando saímos da Terra do Fogo, o sentimento era de ser mais forte”, afirma Leonardo.



“Um trecho de ripio (estrada de terra com pedras). Aqui, o trânsito de ônibus de turistas é intenso e cada curva vira uma emoção”



As paisagens compensavam todo o esforço



“Talvez o que mais se fotografou e mais representou realmente o propósito de socialização da nossa viagem foram os cachorros. Foram momentos muito especiais em que compartilhamos da vida na rua, nas estradas em busca de comida, e um lugar quentinho pra dormir. São muitos cachorros grandes e bem cuidados”



Fotos: Equipe EcoAustral



“Tivemos que entender que a força da natureza é superior à nossa. A natureza é algo a ser respeitado, e devemos lutar pela preservação”

Hospitalidade aos que chegam de bicicleta

Ao longo da viagem foram bem recepcionados. Contam que a hospitalidade da comunidade é maior quando os turistas chegam de bicicleta. Apesar dos habitantes da região estarem acostumados com o cicloturismo, algumas pessoas ficavam surpresas de encontrar brasileiros praticando essa modalidade. Em Villa Manihuales, no Chile, conheceram Jorge, que os ofereceu hospedagem gratuita. Ele era dono de uma pousada e não cobrava dos viajantes de bicicleta. O local possuía 21 quartos, água quente e cozinha. Foi a noite mais confortável.

Um dos objetivos da expedição era conhecer os Parques Nacionais da Argentina e do Chile e visitar as unidades de preservação. Mauricio conta que apesar da organização e do cuidado, os parques ainda tem carência quanto a atividades relacionadas à bicicleta e acessibilidade, dando-se mais atenção ao rafting e escalada. Faz parte da cultura desses dois países o contato com a natureza, principalmente através do acampamento em família. Renan salienta que a utilização dos parques com esse princípio valoriza e mantém a qualidade de vida.

As ciclovias de Santiago

O trajeto Puerto Montt – Santiago foi feito de ônibus. A ida à capital chilena visava conversar com engenheiros do Ministério dos Transportes sobre o Plano Santiago de Bicicleta, que prevê a construção de 690 km de ciclovias até 2012. Atualmente a cidade já possui 130 km. Conheceram Hector Olivo, engenheiro e assessor ambiental do governo regional, que explicou a origem do projeto em parceria com a ONG holandesa Interface for Cycling Expertise – ICE. A organização é especializada em consultoria para planejamento de transportes não motorizados, e é responsável pela implantação dos planos em 30 outras cidades espalhadas pelo mundo.

Em Florianópolis, a ICE foi recebida pela ONG catarinense Via-Ciclo, que promove o uso da bicicleta como meio de locomoção, lazer e esporte, e juntas pretendiam incluir a bicicleta e ciclovias no Plano Diretor Participativo da cidade. No último mês de março

a Via-ciclo protocolou requisições ao poder público estadual para a instalação de bicicletário com 120 lugares. Atualmente não há vaga de estacionamento público para esse meio de transporte. Outro requisito foi a construção de passagem provisória no canteiro de obras do Elevado da Seta, no Sul da ilha. A medida se fez necessária após a divulgação de que, em 2009, o número de passageiros que usam transporte coletivo diminuiu em 4%, migrando para automóveis e motocicletas e contribuindo para o caos no trânsito da capital.

A equipe chegou a Florianópolis em 28 de fevereiro, viajando de ônibus desde Santiago. Apesar de todo esforço físico, não estavam cansados para o início das aulas no dia 1º de março. “Chegamos melhor do que saímos”, conta Leonardo.

O diário de viagem e mais fotos podem ser conferidos no Blog EcoAustral2010: www.ecoaustral2010.wordpress.com.